



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

UM ESTUDO LINGUÍSTICO DE MARCAS DE ORALIDADE PRESENTES NAS OBRAS DE HÉLIO SEREJO

Thaís Polo Ferreira¹; Elza Sabino da Silva Bueno²

UEMS – Caixa Postal 351, 79.804-970 – Dourados – MS, E-mail: thaispoloferreira@gmail.com, 1 Bolsista de Iniciação Científica do CNPq/UEMS. 2 Orientadora, Professora do Curso de Letras da UEMS.

O presente estudo descreve marcas da oralidade, como “aí”, “então”, “né”, “daí”, “já”, “certo” entre outras, também chamadas de marcadores discursivos por Kodjic (2009), Urbano (2003) e Rosa (2003), utilizadas para aferir compreensão, entendimento ou como forma de interação linguística entre os falantes, presentes nas obras *Contos Crioulos* e *Carai Ervateiro* do escritor Sul-mato-grossense Hélio Serejo, no sentido de verificar as influências dessas marcas na cultura e, principalmente, no linguajar local do homem fronteiriço. Compreendendo que essas marcas são elementos que ajudam a construir o texto e revelar suas condições de produção e interpretação. A análise linguística foi realizada a partir do levantamento das marcas no *corpus* da pesquisa e sua classificação com embasamento teórico de pesquisadores da língua portuguesa como: Bagno (2004/2007), Bueno (2003), Carvalho e Bueno (2011), Marcuschi (2011), Preti (2003), Teno (2003) e outros.

PALAVRAS-CHAVE: Língua e Cultura sul-mato-grossense, Marcas de oralidade.

Introdução

A língua é um dos pilares na formação da sociedade, o código linguístico utilizado pelos falantes no processo da interação verbal e, de acordo com Marcuschi (2007, p.54), ela “mantém complexas relações com as representações e formações sociais”. O autor afirma ainda que as semelhanças entre língua falada e língua escrita são maiores do que as diferenças e dizem respeito não apenas aos aspectos linguísticos, mas também aos sócio-comunicativos, considerando que esse jogo de relações acontece, juntamente, com as práticas sociais, em cujas extremidades estão, de um lado, a escrita formal e de outro, a conversação espontânea, utilizada pelos falantes no contexto de uso da língua.

De acordo com Monteiro (2000), as constantes mudanças que ocorrem na língua, comuns aos idiomas em uso e em contínuo processo de transformação, têm origem em seus próprios falantes, e são geradas pelas necessidades que estes têm de se comunicar com precisão e expressividade. Essas alterações não são casuais, conforme Bagno (2007) fazem parte de um complexo processo, em que as inovações são utilizadas, primeiramente, na fala e,



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

após serem, devidamente, reconhecidas por todos os falantes, passam a figurar nos compêndios de gramática e, conseqüentemente, na modalidade escrita da língua.

Vale ressaltar que esse processo ocorre de forma lenta e gradual, às vezes, as pessoas nem percebem ou não querem perceber que a língua mudou, mas não há como retardá-lo ou ignorá-lo, uma vez que se trata de um fenômeno linguístico natural às línguas vivas e em transformação, (BUENO, 2003).

Na presente pesquisa a ênfase é dada às formas de oralidade presentes nas obras “*Carai Ervateiro*” e “*Contos Crioulos*” do escritor sul-mato-grossense Hélio Serejo, em que o Serejo faz uso de expressões de cunho popular, de neologismos, estrangeirismos, citações da oralidade, frases de efeito, entre outros fenômenos, como representação do jeito matuto de ser do homem ervateiro e fronteiriço da região de Dourados-MS.

Na pesquisa fica evidente a influência da língua hispânica falada na fronteira Brasil/Paraguai, por meio de termos como: “*arbolera*”, “*Diós*”, “*ponchada*”; e de línguas indígenas faladas na região: “*Me embyrã*” (promessa), “*Mboeva*” (professor) entre outros muitos termos que verificamos no *corpus* no decorrer dessa pesquisa, principalmente, ligados à vida e à lida nos ervais.

A influência do idioma espanhol também se reflete na substituição do fonema /v/ por /b/, presente em “*Bâmo*”, em que ocorre a supressão da consoante no início da palavra. No caso, a seguir, este fenômeno natural ocorre logo no início da palavra com a queda da vogal “a” “*Manheci*”, “*Maginando*”, já no segundo caso há a supressão do fonema /r/ no final da forma verbal de infinitivo “*Matá*”, fenômeno bastante comum no português falado no e, de modo especial nas obras de Serejo.

Nas obras *Carai Ervateiro* e *Contos Crioulos*, Serejo descreve os mais variados personagens do sertão sul-mato-grossense, sua fauna e flora, a difícil lida nos ervais, as doenças, os momentos na roda de tereré, detalhes que compõem o contexto sócio-histórico, linguístico e cultural do espaço da fronteira Brasil/Paraguai e na fronteira entre as diferentes culturas dos diversos povos residentes na região. É nesse contexto rico em cultura, descrito



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

por Hélio Serejo, que trabalhamos as marcas características da oralidade presentes em suas obras.

Para a execução da pesquisa, em um primeiro momento foi realizado o levantamento das marcas de oralidade no sentido de verificar e analisar seu uso e efeito no falar da comunidade local e, por meio dos resultados obtidos nesse estudo, esperamos contribuir para o entendimento científico e tecnológico no âmbito dos estudos sociolinguísticos em Mato Grosso do Sul, principalmente, por nos encontrar em uma região fronteiriça, cenário propício para o estudo da diversidade linguístico-cultural da língua portuguesa, com as suas infinitas variantes e da língua hispânica falada na fronteira.

As obras em questão retratam a cultura de nosso estado, por meio de crônicas, relatos históricos, poesias, contos, comentários, ditos populares, críticas literárias e orações em que o autor descreve a fauna, a flora e os hábitos sul-mato-grossenses. Hélio se utiliza da transcrição para caracterizar o falar local, de modo especial dos ervateiros da fronteira, do homem matuto e simples desse sertão.

Conforme Urbano (1999, p. 60), as marcas de oralidade são “os elementos que ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado. Funcionam como articuladores não só das unidades cognitivo-informativas do texto como também dos seus interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto”. Assim, conduzimos esta pesquisa para os estudos dessas formas linguísticas que caracterizam o povo sul-mato-grossense, seus costumes, e a importância de estudos dessa natureza para o ensino da língua portuguesa, de modo especial, o português falado nessa região de fronteira.

Acreditamos que os objetivos propostos no início da pesquisa foram alcançados, uma vez que foram realizados a aquisição e leitura do referencial bibliográfico; o levantamento das marcas de oralidades do corpus da pesquisa, a análise dessas marcas levantadas no corpus, em que os resultados estão arrolados neste estudo. Um exemplo disso é a comprovação da presença de marcas de oralidade nas obras *Carai Ervateiro e Contos Crioulos* de Hélio Serejo. Foram realizadas as análises dessas marcas orais, em que se observam suas funções e efeitos para a compreensão e interpretação do texto. Vale lembrar



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

ainda que, como resultado final da presente pesquisa, temos um artigo intitulado “Marcas de oralidade presentes nas obras de Hélio Serejo” publicado na Revista Eletrônica Sociodialeto, vol.4, Edição nº 12, de maio de 2014 – ISSN 2178-1486 – Revista classificada em Qualis B4, www.sociodialeto.com.br

1. **Conceituação das marcas de oralidade presentes nas obras “Carai Ervateiro” e “Contos Crioulos” de Hélio Serejo**

A linguagem, por sua natureza e por ser parte constitutiva do ser humano, está sujeita a sofrer alterações, uma vez que o homem está em permanente estado de evolução em relação a ideologias, estéticas, valores e, linguisticamente, também. A variação linguística é natural nas línguas em uso, como afirma Labov (1962) é essencial à linguagem, enquanto Meillet (1921, *apud* CALVET, 2002, p. 16) considera o fato social uma ferramenta fundamental para a ocorrência de alterações linguísticas: “Por ser a língua um fato social resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social”.

Comumente encontram-se nas gramáticas definições que diferenciam a língua falada da escrita, sendo a última supervalorizada em relação à primeira, devido à preparação, o requerimento de um suporte intelectual prévio. Porém, em muitos textos escritos encontram-se expressões orais e algumas destas tendem a aparecer no discurso oral ou escrito com maior frequência, de acordo com os grupos etários, gêneros, status, como verificamos nesta pesquisa que analisa as marcas de oralidade nas obras de Serejo.

As variantes que se apresentam são produtos das características regionais (diatópicas), se representam pelos diversos sotaques e pronúncias, como por exemplo, a diferença ente o falar paulista e o falar nordestino. As variações diatópicas não se apresentam apenas nesse nível, há também as características lexicais, que se relacionam ao acervo vocabular e o morfossintático, tendo, por exemplo, o uso do “tu” no sul do país e “você” ou até mesmo “cê” nas demais regiões. Fenômenos linguísticos também presentes na região e nas obras supracitadas como uma marca comum no português falado.



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8º ENEPE UFGD • 5º EPEX UEMS

Na comunicação oral há recursos linguísticos como os marcadores discursivos “aí”, “então”, “né”, “daí”, “já”, “certo”, por exemplo, que são utilizados para aferir compreensão, entendimento e, também como forma de interação verbal. Já na escrita, essas marcas assumem caráter mais formal, ou não, o que não é aceito pelos gramáticos, que cobram uma linguagem mais próximo possível do padrão formal da língua, ao escrevermos, uma vez que a escrita é um registro formal que permanece para sempre e que guarda os registros linguísticos da cultura do povo que a utiliza como meio de informação, de transmissão de conhecimento, para a prosperidade.

As informações acima apresentadas são de suma importância para a pesquisa e análise, tendo em vista a interferência da fala na escrita. Entretanto, deve-se lembrar que fala e escrita não são termos opostos, mas se completam, dando continuidade uma à outra. Esse fato foi enunciado por Marcuschi (2007) que, a partir da sociolinguística, examina a fala e a escrita, afirmando que as duas possuem características em comum: dialogicidade, coerência, função interacional, situacionalidade.

Sendo assim, as marcas de oralidade podem ser definidas como elementos que auxiliam na construção, na coesão e na coerência do texto falado ou escrito. Funcionam como articuladores não só das unidades cognitivo-informativas do texto, mas também de seus interlocutores, revelando e marcando as condições de produção do texto, Urbano (2003, p.86). Portanto, são palavras ou expressões, mais ou menos convencionalizadas e Serejo as utiliza, com muita sabedoria e destreza, às vezes, até mesmo infringindo a norma padrão/culta prescrita pela gramática normativa, para transcrever uma estrutura própria da linguagem oral e representativa do homem ervateiro da fronteira Brasil/Paraguai.

Kato (1986) afirma que a escrita e a fala são realizações de uma mesma gramática, mas há variação na forma pela qual as atividades linguísticas são distribuídas entre as diferentes modalidades, devido às diferenças temporais, sociais e individuais. Sendo assim, entende-se que cada falante possui sua maneira própria de falar e de expressar seus pensamentos, sentimentos e pontos de vista sobre determinados assuntos, seja por influência de aspectos extralinguísticos como idade, grupos sociais (caracterizados por determinados



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

vocabulários), pela região ou localidade em que o falante está inserido, que possui marcas linguísticas diferenciadas ou por aspectos inerentes ao próprio sistema linguístico da língua, que pode variar para atender às necessidades reais do falante no processo da comunicação linguística.

Essas influências podem ser notadas também no processo da escrita, em que é comum transferirmos para a escrita, marcas características da oralidade, como podemos verificar no discurso das personagens nas obras *Carai Ervateiro* e *Contos Crioulos*, de Serejo, em que este deixa transparecer toda a cultura de um povo simples, trabalhador e comprometido com as questões e costumes fronteiriços.

As marcas de oralidade são elementos que podem evidenciar essas características, por ser uma transcrição do falar cotidiano para a escrita, ignorando, às vezes, até mesmo a forma padrão da língua. É uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas de gêneros discursivos, podendo oscilar da mais informal a mais formal, nos mais variados contextos de uso da língua, em que pode apresentar-se por meio de gírias e outras formas da língua falada em constante presença nas obras analisadas.

Serejo utiliza tais marcas de oralidade, principalmente, para retratar a cultura do povo fronteiriço, lembrando que estas estão presentes na fala de seus personagens para retratar fatos simples vividos no dia a dia.

1.1 Identificação e classificação das marcas de oralidade no *corpus* da pesquisa

Nesta parte do estudo apresentamos os dados extraídos das obras de Serejo que comprovam a presença da interferência linguística, com comentários de cada um dos casos em que estão presentes as referidas marcas características da oralidade.

Quanto à forma, as marcas de oralidade se apresentam como elementos simples, compostos ou oracionais (KODIC, 2009). Os que possuem apenas um item lexical, como: “manheci”, “acendê” que aparece na p. 253 da obra *Contos Crioulos* de Serejo, “viajá” ocorrência destacada da p. 198 da obra supracitada são os classificados como marcas simples de oralidade na escrita; os compostos ou complexos, apresentam caráter sintagmático:



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8º ENEPE UFGD • 5º EPEX UEMS

"bamôviajá" presente na p. 253 e "êta home!" na página p.252 da mesma obra. Já os oracionais são compostos de pequenas orações, nos mais variados tempos verbais. Temos como exemplo a oração "fala de mim pur aí, me rebanando" na p. 200 e "vô ino lá" na p. 253 do livro *Contos Crioulos*, de Serejo.

As principais características presentes nas obras *Contos Crioulos* e *Carai Ervateiro* são os termos híbridos, com origem em outras línguas, no caso o Espanhol, devido à proximidade com região fronteira e o Guarani, pela grande diversidade etnocultural na formação da população local. Alguns termos que refletem esse fenômeno na obra são: "ponchada", "administración", "aprumadito", "tereré" relacionados à fauna e flora, retratando a paisagem e em relação às lendas e mitos, como elementos característicos da cultura da região. Nota-se também essa característica por meio da fala dos personagens, em que Serejo transcreve de forma fiel as falas que demonstram a fusão das duas línguas, temos um exemplo bem acentuado na frase "–Non quiero... desse cara tem miedomunto." (p.58, linha 33) da obra *Carai Ervateiro* em que ocorre a inversão da ordem gramatical, em que o substantivo antecede o advérbio. Outros termos como Patronsito (p. 66, linha 13); Harinero (p. 185, linha 26) na obra *Contos Crioulos* permeiam as narrativas, para caracterizar, explicar ou como simples forma de referência ao processo de hibridização presentes em regiões fronteiriças.

A transcrição de Serejo apresenta também diferentes marcadores conversacionais, que auxiliam na estruturação da conversa, assegurando o desenvolvimento do diálogo. Isso ocorre no exemplo em "Bicho feio, heim, Hélio? (p. 58, linha 25, *Carai Ervateiro*)", em que o termo em destaque busca a sustentação da afirmativa. Na obra *Contos Crioulos* o exemplo "–E... então? (p. 38, linha 22)" propõe uma indagação, a espera de uma resposta. Há também marcadores não lexicalizados como "Ôa... ôa... ôa... (p. 41, linha 15)", que caracterizam um tom de repreensão.

Outra característica muito recorrente na obra refere-se às hesitações, cuja finalidade é demonstrar a intenção do falante em manter o turno da conversação, sua comum presença, provavelmente, se deve ao fato de ser um diálogo livre, em que as personagens narram algum fato "– Mãe... olha mãe... a lua do brejo que vem me pegar... acende o fogo mãe... (p. 47,



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

linha 26, *Contos Crioulos*) ou tentam entender certos acontecimentos“– Deve **havê** novidade... seu Tunico só vem aqui **mode** duas coisas: prá leva a partera pra Nhá Feliciano ou **avisá** o Delegado que morreu arguém no Rincão da Furna.” (p. 46, 2º parágrafo), tendo a consciência de que a fala, naturalmente, é mais “confusa” que a escrita. Na frase anterior as palavras destacadas demonstram a preocupação de Serejo em representar, graficamente, o falar das personagens. Fato que ocorre em diferentes momentos nas duas obras analisadas.

A criação e inovação lexical estão presentes nas obras analisadas e têm a função, como será discutido mais adiante, de exemplificar, ilustrar, como se as palavras já existentes não tivessem a mesma carga semântica para dar sentido aos fatos e atos. No livro *Contos Crioulos* elas são, facilmente, encontradas: perguntador (p. 35, linha 5) **embonecando** (p. 43, linha 21). Na mesma obra o autor utiliza muitas aspas, que na maioria são expressões, como “com um parafuso de menos” (p. 49, linha 30) e “no fim do mundo” (p. 139, linha 17) ou para atribuir novo sentido a palavras já existentes ou até mesmo ironizá-las “personal” (p. 61, linha 7) e “portonero” (p. 61, linha 15), além do uso de conjunções típicas da fala como: “[...] voino lá.” (p. 253, linha 3).

Os fenômenos linguísticos a seguir foram analisados tomando por base teórica o livro “Língua de Eulália” de Marcos Bagno (2004) e os fenômenos linguísticos apresentados pelo autor, que caracterizam o falar popular, e também encontram-se presentes nas obras de Hélio Serejo.

Castro (1995) fala sobre a “elevação ou fechamento das pretônicas /e/ e /o/ e /i/; e/u/ seguidas de uma tônica alta (/i/ ou /u/)” (CASTRO, 1995, p. 243), verificando que a tônica alta é um fator que desfavorece a abertura das pretônicas. Nas obras ocorre a redução ditongo “êta”, “chêro”, “minero”. Segundo Carvalho (*apud* OLIVEIRA, 2009) um fator que contribui para a variação da vogal pretônica de /e/ > /i/ decorre de um condicionamento estrutural, ou seja, a presença de uma vogal alta na sílaba tônica condiciona a variação de /o/ > /u/, em que ocorre um processo chamado de assimilação silábica (CARVALHO e BUENO, 2011).



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

A aférese é um fenômeno fonético, em que ocorre a supressão (metaplasmo por subtração) de um segmento no início de palavra. É um fenômeno muito frequente que ocorreu durante a evolução do latim para o português moderno, cujas “heranças” podem ser observadas no português atual. “*manheci*”, “*maginando*”, “*ocê*”, “*uvino*”, são exemplos presentes nas obras pesquisadas, ressaltando que no último exemplo também ocorre a supressão de consoante, que é classificada como Assimilação. Coutinho (1976) afirma que as línguas estão em contínuo movimento. Cada geração contribui, sem que a perceba, e assim vão ocorrendo as mudanças para melhor atender às necessidades dos falantes no momento da comunicação linguística (BUENO, 2003).

Assimilação dos gerúndios – que se apresentam nas locuções verbais, em que o encontro consonantal /nd/ é suprimido. Isso pode ser observado nos exemplos “*quereno*”, “*ino*” (p. 253); “*uvino*” (p. 200). Bagno (2004) explica que esse fenômeno ocorre devido ao fato de que as variantes padrão e não-padrão nem sempre se relacionam ao que é definido pela gramática tradicional como “correto”, sendo que na redução ocorre um desvio da norma padrão na substituição da consoante /v/ por /b/, denominado “betacismo” – que tem origem no latim, em transição para outros idiomas – recorrentes do hibridismo com a língua espanhola, observado em “*bâmo*” (p.253).

Fenômeno que tem sua origem também no Latim é a desnasalização (em que um segmento nasal passa a ser oral) das vogais postônicas transcreve-se da fala para a escrita, como nas palavras “*Ferruge*” (p. 115) e “*Virge*” (p. 252), em que há a supressão do /m/ final.

Ao fim dessa análise não observamos a presença de erros decorrentes da natureza arbitrária do sistema de convenções da escrita – que não têm relação com a oralidade, mas sim coma ortografia da língua – nem mesmo interferência de regras fonológicas nas línguas e dialetos presentes, apenas a interferência de regras fonológicas variáveis graduais como “*cantô*”, “*chega*”, ficando evidente que as marcas de oralidade que se apresentam são propositas, e Serejo as utiliza para dar fidelidade ao falar do erval, mesmo tendo conhecimento de que está infringindo as regras gramáticas da língua portuguesa, mas o faz para dar mais vivacidade ao falar e aos costumes do fronteiroço.



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

2. Funções das marcas de oralidade presentes nas obras de Hélio Serejo

Os marcadores analisados no presente estudo exercem determinadas funções dentro das obras estudadas, atuando como mecanismos verbais da enunciação envolvidos na trama textual, nas informações liberadas ao longo da fala e nas perspectivas do falante em relação ao assunto tratado (TENÓ, 2003, p. 47). Como citado anteriormente, podem ser classificados quanto à posição: na troca de turno entre falantes, ao mudar de tópicos de conversação, nas falhas de construção, em posições regulares, semanticamente, operando como iniciadores ou finalizadores de expressões ou frases, no sentido de facilitar ou simplificar a comunicação.

Analisando os marcadores verbais, Marcuschi (2007) subdivide-os em dois grupos distintos, segundo sua fonte de produção: sinais do falante e sinais do ouvinte. Quanto às funções específicas, podem ser classificadas em conversacionais ou sintáticas.

As marcas de oralidade apresentadas nas obras e analisadas têm a função principal de representar a linguagem dessa comunidade sul-mato-grossense, herdada pela região e pelos falantes atuais do português local, em que o mundo dos ervais se faz presente hoje não apenas pelas rodas de tereré, mas também pelo vocabulário, as expressões que resgatam essa época. Percebe-se o grande domínio de Serejo tanto da Língua Portuguesa, como do Espanhol e do Guarani, através de sua escrita e suas construções permeadas pela fala do povo que retrata em suas obras.

Os termos híbridos ou as inovações lexicais têm o papel de explicar o que palavras já existentes em nosso vocabulário não conseguem, a carga de sentidos destas define com maior precisão o que o autor quer dizer. Há também casos em que palavras tomam novos sentidos, até mesmo mudando de classe gramatical, por meio da derivação imprópria, para cumprirem seu papel de informar e nomear os fatos e os atos de fala.

Os “erros” decorrentes são nada menos que resquícios da evolução da língua, sendo os mesmos discriminados pela maioria da população, até mesmo por quem os comete, devido à falta de conhecimento e discernimento sobre o processo evolutivo comum a todas as línguas vivas e em processo constante de transformação para atender os próprios falantes no processo da interação verbal.



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

2.1 A obra como documentário da paisagem regional

Serejo tinha uma vida simples, de pequeno proprietário, trabalhava com seu pai na ranchada, realizando, inclusive, pequenos serviços braçais. Desde a sua meninice registrava suas impressões sobre a vida dos trabalhadores e sobre a natureza da região. No meio da peonada aprendeu os segredos da elaboração da erva-mate, viu mortes e doenças vitimando os trabalhadores. Escreveu várias obras, resultantes de tudo que via e ouvia nas conversas com os peões e na lida cotidiana nos ervais.

Suas obras mais significativas são crônicas que envolvem lembranças do sertão e falam do trabalhador, do homem simples do campo, do povo sem instrução, das revoltas, da violência e, sobretudo, da produção da erva-mate. Seus personagens e histórias não são ficcionais e, talvez para não comprometer algumas pessoas, o autor usa nomes fictícios.

Nas obras em que trata da erva-mate, o autor descreve com minúcias todo o processo de trabalho que cerca a produção da erva-mate e o cenário, as técnicas utilizadas pelos trabalhadores e suas ferramentas. Recursos para a produção do mate, como o barbaquá, forno para secagem da erva, são bem conhecidos pelo autor. Como foi visto, na fronteira foi implantado o sistema manufatureiro na exploração da erva-mate, que adotava a divisão do trabalho e impunha a necessidade de um trabalhador com conhecimento especializado das atividades complexas que realizava. Esse conhecimento foi buscado nos trabalhadores paraguaios, que eram conchavados no seu país.

Outra “herança” da região presente nas obras de Hélio Serejo, especialmente, “Carai Ervateiro” e “Contos Crioulos”, é a linguagem e suas funções, analisada no capítulo anterior, especialmente, advindas da fusão das línguas (portuguesa, espanhola e guarani), aspecto tratado mais adiante.

2.2 Termos de origem espanhola e guarani presentes nas obras de Serejo

A construção da identidade e da cultura de uma nação está fortemente ligada à língua falada por este povo, pois esta é um veículo de transmissão de informação é instrumento de



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

poder. Durante toda história da humanidade, é possível citar relatos de domínio de uma civilização sobre outras, entre vários meios e processo. Um deles é a imposição da língua como instrumento de poder. Isto acontece porque o modo como a língua é constituída e assumida por um povo revela seu modo de expressar e de conceber uma dada visão de mundo construída a partir de poderoso instrumento. Podemos citar como exemplo a imposição do latim pelo Império Romano a todos os povos conquistados, a do inglês pelas poderosas nações entre outras.

A língua, enquanto fator social é constitutiva de cada ser humano. A linguagem atribui a cada indivíduo, bem como a sua comunidade linguística, um modo particular e peculiar de perceber o mundo e seu entorno. A linguagem é inclusive influenciada por processos socioculturais e históricos. Seja definindo comunidades linguísticas ou diferenciado grupos sociais, a língua é instituída como espaço de identificação.

Nas obras analisadas de Hélio Serejo, há uma mescla entre a língua Guarani e Espanhola que atuam como janela para visualizar a interação entre as diversas culturas envolvidas no fazer dos ervais, registrando a vida do homem fronteiro e sua relação com o trabalho e com a natureza. O termo comumente utilizado para definir a mescla entre o Português e o Espanhol é o “portunhol”, geralmente, falado na região fronteira e segundo Souza (2009) é a expressão do esforço comum, no processo da dominação espanhola no Paraguai, de o povo colonizado, no irremediável de absorver a língua do conquistador, preservar a sua língua nativa; depois, delimitadas as fronteiras das colônias portuguesas e espanholas, a necessidade de comunicação e intercâmbio cultural dos povos fronteiros vem dando corpo a esse fenômeno linguístico, ainda em formação. Essa terceira “língua” se faz presente nas obras *Caraí Ervateiro* e *Contos Crioulos*, tanto para a descrição (“Lampichos”, “Mensulero”), como se fosse a única capaz de nomear e descrever determinados objetos, ações, etc; se fazem presente na criação de palavras os chamados neologismos.

Porém, a terminologia guarani comparece de modo mais fértil que a hispânica, dada, compreensivelmente, pelo fato de o paraguaio mais humilde e, portanto, o mais genuíno da terra, aquele que dominava mal o espanhol e preservava sua língua de origem, era quem, de



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

fato, se empregava como ervateiro, Souza (2009). Esses termos que permeiam as obras demonstram o vasto conhecimento do linguajar próprio do meio em que vivia e do real falante do erval, além disso, Serejo, durante as narrativas, desenvolve novamente seu vocabulário guarani e espanhol utilizado na fronteira como ponto de partida.

As duas obras apresentam glossário, que em sua maioria é constituído de termos Guarani, podendo nitidamente ser dividida em dois grupos que se fundem formando o vocabulário daquele ambiente: a mítica, relacionada com a entidade cultural (crenças, ditados, etc) e a material que retrata a vida nos ervais, o ambiente, os trabalhadores e o seu fazer cotidiano.

2.3 Retratação da paisagem e personagens emblemáticos em Hélio Serejo

Definido o espaço semântico em que estão inseridas as obras é possível desenhar o ambiente em que são narrados os fatos e as mais variadas personalidades que o compõe. As obras de Serejo, como um todo, podem ser consideradas como um dos mais completos e curiosos relatos desse período de empreendedorismo na região de fronteira Brasil/Paraguai. As duas obras aqui analisadas, representam uma pequena parte da produção do autor e demonstram seu comprometimento e percepção na descrição da história da cultura, da região, composta por diferentes etnias, destacando os modismos e os regionalismos comuns em regiões de fronteira.

Assim como na linguagem, aqui se encontra um autor, antes de tudo, grande conhecedor da paisagem, da formação e constituição étnica de Mato Grosso do Sul e dos tipos que compõem o panorama social da época.

Serejo define os ervais como gigantescos mantos de clorofila. Logo no início da obra *Caraí Ervateiro*, o autor relata o ambiente: chega-se a caati (erval) por três caminhos: o tapê-guaçu, estrada mais ampla, destocada e cuidadosamente limpa, que atravessa o caati em várias direções, servindo para o trânsito de carretas, caminhões ou tropa de arrias (animais que transportam o mate já ensacado); o tapê-hacienda, caminho que conduz diretamente ao rancho



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

(casa principal) e os tapê-poi, trilhos estreitos, mal cuidados, pelos quais caminham os peões que procedem ao corte da erva-mate.

Na mesma obra, são definidos os trabalhadores dos ervais, cada qual com sua função, sendo que esta parece influenciar no perfil psicológico dos personagens: “Pedro Iriarte, era um mesualeiro de profissão. Outro serviço não lhe servia.” (p. 19) “Nasceu para mensualeiro, e como mensualeiro, queria ir até o fim da vida.” (p. 19). No processo de produção da erva, o monteador era o responsável por encontrar os ervais nativos ainda não explorados e, por isso, a exigência de que fosse uma pessoa com domínio da região e da planta; o trabalhador responsável pela poda da erva, pelo tiní (primeiro corte de folhas do dia), pelo overêo (sapeco ou chamuscamento das folhas) nas trincheiras (fogueiras) e pelo carregamento do feixe de ervas até o barbaquá (forno destinado à torrefação da erva) era conhecido como mineiro.

Os urus eram os trabalhadores responsáveis pela secagem da erva, no barbaquá. Outro fator influenciante no perfil psicológico dos trabalhadores – seguindo a linha do Determinismo – é sua origem, sendo maioria nativa da região: “Seu berço natal era a província de Corrientes, República Argentina [...] teria que sair um lutador, um cavalheiro.” (p. 35).

Em meio a descrições sobre a lida pesada dos trabalhadores, percebem-se a sensibilidade e percepção do autor em descrever os detalhes, resultantes da intensa vivência nos ervais e conhecimento do povo simples trabalhador dos ervais.

3. Análise de dados e discussão dos resultado

Nas obras *Carai Ervateiro e Balaio de Bugre*, Hélio Serejo descreve a lida nos ervais, apresenta a vida difícil, as doenças e a socialização entre os trabalhadores, os hábitos adquiridos na região e os herdados pelas culturas com que tiveram contato, ressaltando a historiografia, características essas que precisam ser compreendidas em seus detalhes, que ajudam a construir o contexto sócio-histórico, linguístico e cultural desse espaço tratado por Serejo. Um espaço com tamanha riqueza multicultural da fronteira Brasil/Paraguai e na



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

fronteira entre as diferentes culturas dos diversos povos indígenas ou não-indígenas residentes na região.

É nesse contexto/espço multicultural descrito por Serejo nas obras aqui analisadas que trabalhamos a presença dos marcadores de oralidade, da descrição dos personagens, da narrativa como um todo, sob um olhar dos estudos sociolinguísticos, que analisam a variação e mudança linguística, o contexto de uso da língua em situações reais de comunicação.

3.1 A adjetivação: sua função na sintaxe e no discurso de Hélio Serejo

Hélio Serejo produz de forma, profundamente, poética e afetiva, reinventando a linguagem, principalmente, pela surpresa das estruturas, com adjetivos inesperados que criam novas imagens, novos conceitos e novos significados.

Basílio (1995), em relação ao critério semântico, define o adjetivo como palavra que especifica o substantivo, promovendo a expressão de um teor ilimitado de especificações com o uso de elementos fixos, mas uma função dependente do substantivo por sua própria natureza e razão de ser.

Borba (1996), por sua vez, ao conceituar adjetivo utiliza os seguintes critérios: a adjetivação implica um processo mental de diferenciação, discriminação e seleção; todo adjetivo é palavra de natureza abstrata; é próprio do adjetivo não incidir sobre si mesmo, mas sobre um suporte a que ele não leva a precisão concreta, ou seja, todo adjetivo, comporta uma incidência sobre outra coisa que não ele mesmo.

Serejo a todo momento os salpica em sua prosa: seja sua criação derivada ou motivada por suas características como em “estralidante”, “rebrilhante”, e outros. Estes artificios se fazem necessários quando o autor, ao tecer a epopéia cabocla, apresenta intermináveis “tipos”, sendo os adjetivos, com caráter neológico, a ferramenta necessária para descrevê-los.

A fauna e a flora, como citado anteriormente, estão presentes de modo muito significativo na obra e são referência para a adjetivação realizada pelo autor, a natureza é



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

personificada: o peão “forte como uma aroeira”, a cabocla que “é ver flor de guavira”, confirmando que sua linguagem é portadora de tamanha originalidade e graça.

3.2 Neologismos presentes nas obras de Hélio Serejo

Os neologismos vão surgindo por vários processos, em que podem aparecer elementos novos por meio de recursos da própria língua, entre eles estão as derivações, as abreviações, onomatopéias. Na obra de Serejo observa-se, principalmente o último caso, provavelmente, devido a influência das línguas indígenas, que tem forte ligação com a natureza, com o meio ambiente.

Outro caso de neologismo observado é o conceitual, quando ocorre alteração na semântica da palavra, de caráter metafórico, ou seja, um vocábulo assume um novo significado, para criar um novo conceito ou expressão. Nas obras *Carai Ervateiro* e *Contos Crioulos* esse fenômeno ocorre, no sentido de descrever fenômenos, objetos ou personalidades.

Nas obras analisadas os principais neologismos surgem por meio da derivação de palavras, fenômeno esse que tem origem na língua espanhola: “patroncito”, no caso ocorre o diminutivo e de certa forma dão caráter afetivo e demonstram a relação dos empregados com os patrões no erval.

Considerações Finais

Observando as obras de Hélio Serejo como um todo, percebe-se o resgate de um passado oral, presente no discurso humano e o controle delicadíssimo entre os fatos históricos e ficcionais. Sua habilidade narrativa é o resultado de um narrador duplo, em que a ficção e a história vão se mascarando e se revelando uma a outra. A combinação de técnicas narrativas documentais com dados fantásticos constituem outro “mérito” do estilo de Serejo, apresentando sua maturidade literária.

Sua escrita é permeada pelo realismo fantástico: os personagens são reais e os feitos fabulosos e não poucas vezes fantásticos, resultado das misturas de meias-verdades. Nas obras



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

Contos Crioulos e Carai Ervateiro Serejo faz uma “costura” das diferentes cenas e personagens expostos pelos mais variados temas, segundo o autor a invenção ficcional se inscreve dentro de situações estritamente documentadas pelos usos e costumes regionais, pelas lendas, tradições relacionadas com a atividade ervateira.

Em síntese, acredita-se que essa maneira simples e direta de escrita de Serejo seja proposicional para dar mais fluidez e clareza aos fatos narrados em suas obras e descrever a simplicidade do homem fronteiriço na lida nos ervais.

Espera-se com esta pesquisa contribuir para com os estudos linguístico e literários da língua, em especial, a língua falada nessa região fronteiriça, rica em diversidade linguística e cultural.

Com base nas leituras realizadas e na escrita do texto, acreditamos que os resultados apresentados são de grande valia para os estudos regionais e linguísticos no estado de Mato Grosso do Sul, uma vez que se faz necessário o conhecimento linguístico-cultural dessa região fronteiriça, até mesmo para melhor entendermos a pluridiversidade linguístico-cultural do falar local.

No que diz respeito a futuros trabalhos, uma das possibilidades seria um estudo mais aprofundado, talvez até mesmo em nível de mestrado, dos contos, crônicas e obras de Hélio Serejo, relacionando-os aos aspectos culturais, históricos e linguísticos e ao processo e expansão do cultivo da erva mate, por se tratar de tema bastante presente nas obras desse escritor sul-mato-grossense que descreve a diversidade do falar local e as personagens de forma muito simples e cativante.

A ação da escrita de Serejo chama a atenção por sua simplicidade e objetividade, pela memória e pela tentativa de reunir tudo isso em uma literatura repleta de dados culturais, históricos, em que retrata a realidade cotidiana do homem fronteiriço, seus hábitos, costumes e a maneira simples de encarar os fatos ocorridos na fronteira Brasil/Paraguai.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2004.



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8º ENEPE UFGD • 5º EPEX UEMS

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BUENO, Elza Sabino da Silva. *Nós, a gente e o boia-fria: uma abordagem sociolinguística*. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

CALVET, Jean Louis. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CARVALHO, Márcio Palácios de e BUENO, Elza Sabino da Silva. *Variação no uso das vogais pretônicas [E] e [O] no português popular falado em Dourados – MS*. Campo Grande: Revista Sociodialeto, 2011.

KATO, Mary. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

KODIC, Marisa. A caracterização do discurso oral por meio de Marcadores Conversacionais. *Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação, Brasil*, v. 1, n. 3, 2009.

LABOV, William. *The social history of sound change on the island of Martha's vineyard, Massachusetts*. Master's essay, Columbia University, 1962.

MARCUSCHI, Luís Antônio. *Análise da conversação*. 2 ed. São Paulo: Ática, 2007.

MARCUSCHI, Luís Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo, SP: Cortez, 2011.

PACHECO, Mara Regina. *A supremacia do homem comum em Balaio de Bugre, de Hélio Serejo*. Mara Regina Pacheco. – Dourados, MS: UFGD, 2012.

PRETI, Dino. (org.) *Análise de textos orais*. 6 ed., São Paulo: Humanitas, 2003.

PRETI, Dino e URBANO, Hudinilson.(org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo: T.A.Queiroz/ FAPESP, 1990.

ROSA, Margaret. *Marcadores de atenuação – análise da conversação: processo de atenuação na língua falada, os falsos atenuadores*. São Paulo: Contexto, 1992.

SEREJO, Hélio. *Contos Crioulos*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1998.

SEREJO, Hélio. *Carai Ervateiro*. Tupi Paulista, SP: Ed. Versiprosa, 1990

_____. *Obras completas*. (org.). Hildebrando Campestrini. Campo Grande-MS: Instituto de História e Geografia de Mato Grosso do Sul, 2008.

SOUZA, Ana Aparecida Arguelho de. *O balaio do bugre Serejo: história, memória e linguagem*. Revista Patrimônio e História, Unesp 2009.



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

TENO, Neide Araújo Castilho. *Um estudo do vocabulário da erva-mate em obras de Hélio Serejo*. Três Lagoas-MS: UFMS (Dissertação de Mestrado em Linguística), 2003.

URBANO, Hudinilson. *Variedades de planejamento no texto falado e no escrito*. São Paulo: Humanitas, 1999.

URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino (org.) *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, 2003.

Agradecimentos: Ao CNPq, **pela bolsa PIBIC**.
Apoio Financeiro: À UEMS E À **FUNDECT-MS**